

CLEIA DRÖSE

O quarto pilar

São Paulo
Pragmatha
2020

Pragmatha Editora
www.pragmatha.com.br
Edição: Sandra Veroneze
Organização: Tuanny Prado
Capa: Leonardo Oliveira
Arte da capa: Noé Cezar da Silva
Ficha catalográfica: Carla Moraes
Copyright: Da Autora
Todos os direitos reservados
Proibida a reprodução, total ou parcial, sem a expressa autorização

D787q Dröse, Cleia.
O quarto pilar / Cleia Dröse. -- São Paulo:
Pragmatha, 2020.

178 p. ; 14 x 21 cm.

ISBN 978-65-86926-11-8

1.Ficção brasileira. 2.Literatura brasileira.
3.Distopias. I.Título.

CDU 869.0(81)-31

CDD B869.3

Catálogo na publicação:
Bibliotecária Carla Maria Goulart de Moraes – CRB 10/1252

Prefácio

Desde o primeiro instante em que o homem compreendeu o momento atual como consequência de experiências anteriores, assumindo para si a responsabilidade completa por quem é e como vive, existe o desejo de viajar no tempo. Afinal, quem de nós é tão plenamente satisfeito com a vida que leva, a partir das escolhas que fez, e não se sente, nem por um instante, tentado a pensar como seria se tivesse agido diferente?

O Quarto Pilar é um convite para refletirmos sobre o passado que estamos construindo neste exato momento, enquanto espécie. A narrativa acontece algumas centenas de anos à frente em nosso calendário e revela um mundo indesejado até em nossos piores sonhos.

No cenário ficcional construído por Cleia Dröse, onde um dia houve vida já quase não há nem sequer esperança, restando apenas a força, o idealismo e a coragem de alguns visionários que olham para os retrovisores da história e apostam no resgate daquilo que temos de mais precioso e que, por essência, nos define: a humanidade.

Precisamos viver ainda mil anos e assistir ao deterioramento da natureza e das relações para compreender em definitivo a necessidade e importância de defendermos a vida? Será preciso perdê-la para desejá-la e defendê-la? O Quarto Pilar tem a graça disruptiva de quem aprecia os exercícios de futurologia. Tem o pessimismo de quem nem sempre aposta na espécie humana como grande diferencial da vida que existe na Terra. Tem a poesia dos iludidos e idealistas, que se entregam com toda força de sua alma às lutas

nas quais acreditam. E tem a loucura de quem efetivamente se questiona se é o homem a espécie mais evoluída deste universo.

Isso tudo faz de O Quarto Pilar uma obra de leitura indispensável, seja pela qualidade literária característica de Cleia Dröse, seja pela dose de consciência e reflexão que a narrativa carrega consigo.

O que estamos fazendo hoje para que no futuro a humanidade não deseje voltar mil anos na história para fazer melhores escolhas? Ou será que nem chegamos ao ponto de compreender que nossas ações hoje são a causa de consequências que todas nossas próximas gerações sentirão? Nesse caso, o resgate da humanidade é obra não para o futuro, mas para o agora!

Sandra Veroneze
Editora

I

Corria o ano de 2999. Cosmópolis estava situada no alto de uma colina. Ao centro, o palácio do Poder Central. Ao redor, as ruas em espiral, descendo pouco a pouco, colina abaixo. Conforme a volta se tornava maior, a quantidade de moradias aumentava. Nas duas primeiras, os prédios pertenciam ao Poder Central e eram grandes; a espiral era praticamente toda ocupada por um único edifício que acompanhava a curva. A partir da terceira espiral, o número de moradias correspondia àquela volta, ou seja, a terceira volta possuía três prédios de moradia, a quarta possuía quatro e assim sucessivamente até a sexagésima espiral. Dali em diante não havia controle de nada. Era o domínio do povo do pântano.

Em raros lugares ainda se viam ruínas de uma civilização antiga. Dizem que de um povo muito adiantado, mas que não teve o cuidado necessário para preservar o seu planeta.

Não havia árvores, nada verde, era tudo cinzento. De algum lugar, o oxigênio necessário à respiração surgia, talvez das algas do oceano.

As pessoas se alimentavam de uma cesta básica que o Poder Central fornecia a cada família ou grupo e, principalmente, de pílulas que os mantinham nutridos.

Animais silvestres já não havia, mas existiam os ferais, cães e gatos abandonados e agressivos, soltos por toda parte. Para sair às ruas, as pessoas precisavam usar roupas compostas de pequenas placas metálicas como proteção para não serem atacados e mortos por estes animais, antes tão dóceis e agora ferais.

Na quarta volta da espiral, morava GD13, um homem alto, musculoso que ocupava um pequeno quarto. A casa tinha mais três habitações, duas estavam ocupadas. MT11, uma moça frágil, mas de temperamento forte e um senhor mais idoso, chamado JD16 que tinha muita sabedoria e muita cultura e às vezes contava histórias antigas.

Todos faziam parte de uma hierarquia controlada pelo comando supremo. Como viviam na quarta volta da espiral, tinham uma relativa situação dentro da sociedade. Era permitido se relacionar com os demais habitantes, mas não podiam gerar filhos. Isso era privilégio dos que viviam na primeira e segunda espirais. Assim sendo, sua linhagem estava condenada a desaparecer.

II

Era mais uma manhã cinzenta quando GD13 vestiu sua roupa metálica e se preparou para sair à rua. MT11 o observou e lhe pareceu que, como das outras vezes, havia algo diferente em sua expressão. Um brilho no olhar, talvez. Seria porque hoje teriam mais alimentos? As pílulas não satisfaziam a sensação de estômago vazio. Ou haveria outro motivo para que GD13 esboçasse um quase sorriso no olhar, rotineiramente cinza? MT11 recostou-se novamente. Estava envolvida em imaginar algo interessante para relatar no próximo encontro de cidadãos que aconteceria dali a algumas semanas. Precisava pensar. Registrar no próprio cérebro o que iria falar. Desde que haviam perdido o direito a possuir tecnologia de registro de ideias, foram obrigados a reativar conexões há muito obsoletas. Muito esforço demandava essa tarefa.

GD13 tinha facilidade para relatar coisas interessantes. Dizem que seus antepassados GD10 e GD11 eram exímios nesta tarefa.

Na verdade, ninguém sabe muito de ninguém, ainda que dividam o mesmo teto e a mesma cesta de alimentos e pílulas suplementares. Sobre GD13, menos ainda se sabe. Há boatos de que chegou a habitar a primeira espiral, próxima ao Poder Central, mas, sobre o motivo de haver sido transferido para a atual quarta espiral, nunca houve explicação convincente. MT11 às vezes se surpreende imaginando o que teria acontecido lá, tão próximo ao poder. Há relatos de que na primeira espiral vive GD14, resultado da liberdade de procriar que GD13 soube usar quando lá vivia.

JD16 não se manifestava quando o assunto era a vida pregressa ou atual de seus companheiros de vivenda. Preferia filosofar. Ideias antigas sobre liberdade, responsabilidade, respeito. Sobre lugares amplos, muita luz, vegetação, animais. Alguns acham que deve ter vindo de outro planeta, porque nenhum deles consegue lembrar-se de nada parecido. Mesmo assim, todos apreciam sua prosa e passam horas ouvindo e imaginando tal maravilha.

III

GD13 sobe a colina lentamente. Por entre a atmosfera cinza, percebe raios de sol infiltrando-se logo acima da linha de um horizonte não muito visível, mas que ele sabe que existe.

O peso da roupa metálica atrapalha um pouco. É considerado musculoso para os padrões vigentes, mas, na verdade, falta força nesta musculatura que todos admiram.

A primeira matilha de cães ferais se aproxima quando ele faz a curva à direita de onde vive. Ele se mantém ereto. Procura parecer alto, maior do que realmente é. Ser ou parecer superior, às vezes, pode ser fator decisivo quando se está em apuros. Abre os braços. Gesticula. Bate os pés. As placas de metal tilintam com os movimentos. Os cães recuam ainda rosnando e ganindo e atacando-se entre si.

GD13 respira, aliviado. Ainda bem que desta vez é ele a subir a colina para buscar os mantimentos. Imagina se fosse MT11? Ela é corajosa, mas a matilha era numerosa e talvez tivesse acontecido algo desagradável no caso de ela estar nesta situação. Algo em MT11 lhe desperta um sentimento perdido de proteção aos mais frágeis. Será aquele jeito de olhar, tão diferente dos demais olhares que conhece? Talvez lhe traga alguma reminiscência que não sabe explicar. Ainda bem que não é ela a encarregada de buscar os alimentos hoje.

Na verdade, GD13 gosta quando é sua vez de subir essa espiral rumo ao palácio. São momentos em que se permite recordar. Ninguém para lhe observar. Analisar suas reações. Em que pese ter que prestar atenção aos ferais, são momentos em que devanear é possível. Reviver bons momentos.

Sentir novamente a sensação do toque. Do hálito. Do beijo. Da vida. Logo, se der sorte, vai cruzar pelos corredores com um olhar que reforça todas essas vagas lembranças. Só por isso, já vale a pena todo o risco enfrentado.